



TEXTO ORIGINAL: INGLÊS

RETIRO

Segunda-feira, 30 de setembro de 2024
P. Timothy Radcliffe OP

Ressurreição: Procurando no escuro
João 20, 1-18

No retiro do ano passado, meditamos sobre como ouvir uns aos outros. Como podemos lidar com nossas diferenças com esperança, abrindo os nossos corações e mentes uns para os outros? Algumas barreiras caíram e espero que tenhamos começado a ver aqueles com quem discordamos, não como oponentes, mas como colegas discípulos, companheiros de busca.

Este ano temos um novo foco: ‘Como ser uma Igreja sinodal missionária’. Mas o fundamento de tudo o que faremos é o mesmo: escuta paciente, imaginativa, inteligente e de coração aberto. Até pensei em repetir as mesmas palestras do último retiro, mas talvez vocês percebam! Herbert McCabe, OP percebeu no último momento que deveria dar uma palestra para uma distinta sociedade teológica. Ele pegou uma palestra de seus arquivos, subiu na moto e chegou bem na hora. Ao abrir suas anotações, viu que havia proferido a mesma palestra para a mesma sociedade um ano antes. ‘O que você fez?’, perguntei. ‘Eu deixei de lado as piadas. São as únicas coisas de que alguém se lembra.’ Suas memórias certamente são melhores.

A escuta profunda ainda é a base do percurso que faremos este ano. Assim diz o I. L (*Instrumentum Laboris*), “o primeiro ato da Igreja” (60). O poeta Amos Oz disse sobre seu avô: ‘Ele ouviu. Ele não apenas fingiu educadamente ouvir, enquanto esperava impacientemente que ela terminasse o que estava dizendo e calasse a boca. Ele não a interrompeu. Ele não a deteve para resumir o que ela estava dizendo, e assim passar para outro assunto. Ele não deixou sua interlocutora falar em vão enquanto preparava em sua cabeça a resposta que daria quando ela finalmente terminasse. Ele não fingiu estar interessado ou entretido, ele realmente estava ali¹. A escuta de Deus e dos nossos irmãos é a disciplina da santidade.

Este ano refletiremos sobre “a única missão de anunciar o Senhor Ressuscitado e o seu Evangelho” (I. L. Introdução) a um mundo que “habita nas trevas e na sombra da morte” (Lucas 1,79). Para guiar as nossas meditações, tomaremos quatro cenas de ressurreição do Evangelho de São João: “Procurando no escuro”, “O quarto trancado”, “O estranho na praia” e “Café da manhã com o Senhor”. Ser uma Igreja sinodal missionária no nosso mundo crucificado.

Nossa primeira cena começa a noite: ‘No primeiro dia da semana, de madrugada, quando ainda estava escuro, Maria Madalena foi ao sepulcro’ (20.1). É aqui que nós também estamos hoje. O nosso mundo está ainda mais obscurecido pela violência do que há um ano. Ela vem em busca do corpo de seu querido Mestre. Também nós, estamos reunidos neste Sínodo para procurar o Senhor. No Ocidente, Deus parece ter desaparecido em grande parte. Enfrentamos não tanto o ateísmo, mas uma indiferença generalizada. O ceticismo envenena os corações até

¹ Amos Oz, *A Tale of Love and Darkness*, Vintage, London, 2005, p.110.

de muitos crentes. Mas, todos os cristãos em todos os lugares buscam o Senhor, como Maria Madalena antes do amanhecer.

Nós também podemos até nos sentir no escuro. Desde a última Assembleia, muitas pessoas, incluindo os participantes neste Sínodo, expressaram as suas dúvidas sobre se alguma coisa será alcançada. Tal como Maria Madalena, alguns dizem: ‘Por que nos tiraram a esperança? Esperávamos muito do Sínodo, mas talvez haja apenas mais palavras’.

Mas embora esteja escuro, o Senhor já está presente no jardim com Maria Madalena e conosco. Antes de sua morte, Jesus disse: “Se a semente não cair na terra e morrer, ela permanecerá apenas um grão, mas se morrer, dará muito fruto” (12.24). A semente foi lançada no rico solo do jardim por José de Arimatéia e Nicodemos, semeada num túmulo novo que ninguém havia usado. Está prestes a florescer. O amanhecer está próximo. Tal como Maria Madalena, receberemos mais do que procuramos se também estivermos abertos ao encontro do Senhor.

No jardim encontramos três buscadores, Maria Madalena, o Discípulo Amado e Simão Pedro. Cada um busca o Senhor à sua maneira; cada um tem seu jeito de amar e cada um seu vazio. Cada um desses buscadores tem seu próprio papel no surgimento da esperança. Não há rivalidade. A sua dependência mútua encarna o cerne da sinodalidade. Todos nós podemos nos identificar com pelo menos um deles. Com qual deles você se identifica?

Tomas Halik argumentou, que o futuro da Igreja depende da sua capacidade de chegar aos que procuram a nossa sociedade. Frequentemente, esses são os ‘nenhum’. Não me refiro às religiosas contemplativas, mas às pessoas que afirmam não ter filiação religiosa. Muitas vezes eles estão procurando o significado de suas vidas. Halik escreve que os cristãos devem, portanto, estar dispostos a ser “buscadores com aqueles que buscam e questionadores com aqueles que questionam²”.

Todos os relatos da ressurreição estão cheios de perguntas. Duas vezes perguntam a Maria Madalena por que ela está chorando. Ela pergunta onde colocaram o corpo. Todos perguntam por que o túmulo está vazio. No relato de Marcos, as mulheres perguntam: ‘Quem nos removerá a pedra?’ (16.3). Os relatos de Lucas sobre a Ressurreição estão cheios de perguntas: ‘Por que procurais os vivos entre os mortos?’ Jesus pergunta aos discípulos que fogem para Emaús: ‘Do que vocês estão falando?’ Então a todos os discípulos: ‘Por que vocês estão com medo? Por que surgem dúvidas em seus corações?’ (24.38). A Ressurreição irrompe em nossas vidas não como uma simples declaração de fatos, mas em questões profundas.

Perguntas profundas não buscam informações. Elas nos convidam a estar vivos de uma nova maneira e a falar uma nova língua. O poeta Rainer Maria Rilke escreveu: ‘Não procure as respostas, que não poderiam ser dadas a você agora, porque você não seria capaz de vivê-las. E a questão é viver tudo. Viva as perguntas agora. Talvez então, algum dia, num futuro distante, você gradualmente, sem sequer perceber, encontre o caminho para a resposta³’.

A Ressurreição não é o recomeço da vida de Jesus após uma breve irrupção, mas um novo modo de estar vivo no qual a morte foi vencida. E assim irrompe o Evangelho em nossas vidas, primeiro como questões urgentes que não nos permitem continuar a viver da mesma maneira. Da mesma forma, chegamos a este Sínodo com muitas perguntas, por exemplo sobre o papel das mulheres na Igreja. Estas são questões importantes. Mas não podem ser vistas apenas como questões sobre se algo será permitido ou recusado. Isso seria permanecer o mesmo tipo de Igreja. As questões que enfrentamos deveriam ser mais parecidas com as dos Evangelhos, que nos convidam a viver juntos mais profundamente a vida do Ressuscitado.

E por isso devemos ousar trazer a este Sínodo as questões mais profundas do nosso coração, questões desconcertantes que nos convidam a uma vida nova. Tal como aqueles três

² Tomáš HALÍK, *Patience with God*, Doubleday, New York, 2009, p. 9.

³ Rainer Maria RILKE, *Letters to a Young Poet*, Letter 4, July 16th 1903. Translated by N. D. Herter Norton, W.W. Norton and Company, 1934. Tradução nossa.

buscadores no jardim, devemos atender as perguntas uns dos outros se quisermos encontrar uma forma renovada de ser Igreja. Se não tivermos perguntas, ou só perguntas superficiais, a nossa fé está morta. Um certo arcebispo, que não está presente conosco hoje, disse a um grupo de noviços dominicanos: ‘Certifiquem-se de que todos leiam a Suma de Tomás de Aquino. Contém cinquenta e seis mil respostas a todos aqueles que criticam a Igreja Católica!’⁴ Tomás teria ficado horrorizado. Como diz uma lenda infantil, a sua primeira pergunta foi “O que é Deus?” e a sua santidade consistiu em recusar qualquer resposta, pois, disse ele, estamos unidos a Deus como ao desconhecido.

Se ouvirmos as perguntas uns dos outros com respeito e sem medo, encontraremos uma nova maneira de viver no Espírito. Como disse no ano passado, o lema da Academia Dominicana de Bagdá é: “Aqui nenhuma pergunta é proibida”. Somos Maria Madalena, o Discípulo Amado e Simão Pedro, e só juntos encontraremos o Senhor que nos espera.

Vamos olhar para cada um dos buscadores e ver o que eles podem nos ensinar sobre como alcançar os buscadores do nosso tempo. Maria Madalena é atraída por um amor terno. É realista, físico, de carne e osso. Ela deseja cuidar do corpo de seu amado Senhor. Ela certamente representa todos aqueles, cujas vidas são movidas pela compaixão para com os feridos do mundo. Madre Teresa, que procurou o corpo de seu Senhor nas ruas de Calcutá. São Damião de Molokai, que deu a vida aos que sofriam de lepra no Havaí.

Pensemos também naqueles milhões de pessoas que não conhecem a Cristo e, no entanto, estão cheias de compaixão pelos que sofrem. Tal como Maria Madalena, eles procuram os corpos dos feridos. O mundo está cheio de choro. Quatro dias depois da última Assembleia, o Hamas cometeu aquelas terríveis atrocidades que mergulharam o Oriente Médio na guerra. As pessoas choram na Ucrânia e, sim, também na Rússia, pela morte e mutilação de centenas de milhares de jovens. Como choram também no Sudão e em Myanmar. Um dos grupos de estudo convocado pelo Santo Padre chama-se “Escutar o grito dos pobres”. Poderia chamar-se “Escutar o grito dos que choram”.

Então Maria ouve o seu nome: ‘Maria’; ‘Rabbuni.’ É apropriado que aquela, cuja vida é movida pelo amor compassivo e terno, tenha seu vazio preenchido com seu nome. Ela procurou um cadáver, mas encontrou mais do que poderia ter sonhado, o amor que está vivo para sempre. Nosso Deus sempre nos chama pelo nome. ‘Mas agora, assim diz o Senhor, aquele que te criou, ó Jacó, aquele que te formou, ó Israel: “Não temas, porque eu te remi; Eu te chamei pelo nome, você é meu’. (Isaías 43.1).

Seu nome significa encontro, presença do Senhor. A primeira coisa que acontece no batismo é o pedido de um nome. ‘Qual é o seu nome?’ ou ‘Que nome você dá ao seu filho? Nosso nome é sinal de que somos estimados por Deus em nossa singularidade.

O Papa Francisco contrastou a maneira como o Imperador Romano via o mundo, através de um censo contando números, com o nosso Deus: ‘Querido irmão, querida irmã, para Deus, que mudou a história no decorrer de um censo, você não é um número, mas um rosto. ...Cristo não olha para números, mas para rostos”.

E assim também a nossa missão é nomear o Deus que nos procura na escuridão. Mas também valorizar o nome e o rosto um do outro. Só mediaremos a presença de Deus se estivermos presentes uns aos outros neste Sínodo. Gregory Boyle, SJ trabalha com jovens membros de gangues em Los Angeles. O segredo do seu ministério é saber seus nomes. Não apenas seus nomes oficiais ou apelidos, mas os nomes com os quais suas mães os chamam quando não estão com raiva. Quando ele chama o jovem Lula pelo nome, ‘você pensaria que eu o havia eletrocutado. Todo o seu corpo estremece de alegria por ser conhecido, por ser chamado, por

⁴ Paul MURRAY OP, “Dominicans and the Key of Knowledge” Um discurso aos frades dominicanos que estudam em Roma - PUST, Angelicum, 19 February 2023.

ouvir seu nome pronunciado em voz alta. Durante todo o percurso na faixa de pedestres, Lula ficou se virando e olhando para mim, sorrindo⁵.

Os regimes tirânicos apagam nomes e rostos. Em Auschwitz, São Maximiliano Kolbe tornou-se o prisioneiro de número 16.670. O Presidente da Rússia sempre se recusou a nomear o homem que corajosamente se opôs a ele, Alexie Navalny. Ele era apenas ‘uma certa pessoa’. Da mesma forma, Nelson Mandela tornou-se o rosto da oposição ao regime do apartheid. E assim, quando ele foi preso, foi proibido publicar uma imagem de seu rosto. Foi apagado da memória pública. Então, quando depois de décadas na prisão, ele foi autorizado a caminhar na praia, ninguém o conhecia. Seu rosto foi privado de seu poder.

Este Sínodo será um momento de graça se olharmos uns para os outros com compaixão e vermos pessoas que são como nós, em busca. Não representantes de partidos na Igreja, esse cardeal conservador horrível, essa feminista assustadora! Mas companheiros de busca, que estão, talvez feridos, mas alegres. Devo confessar que sou péssimo em lembrar nomes, em parte porque sou surdo. Essa é a minha desculpa. Me perdoe!

Mas o terno amor de Maria Madalena precisa de cura. Jesus ordena-lhe: ‘Não se apegue a mim.’ Os estudiosos deram algumas explicações absurdas para isso, sendo a mais implausível que as feridas de Jesus ainda estivessem doloridas! Ele está dizendo que ela não pode tomar posse privada dele. A presença dele para ela não é dela. A Ressurreição é o nascimento da sua comunidade. “O Povo de Deus nunca é simplesmente a soma dos batizados; antes, é o ‘nós’ da Igreja” (IL 3). ‘Mas vá até os meus irmãos e diga-lhes: “Eu subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus”’. Esta é a primeira vez no Evangelho de João que ele chama os discípulos de ‘irmãos’. Fratelli Tutti! Ela deve libertar seu amor de toda exclusividade! Então ela estará pronta para pregar a boa nova aos discípulos: ‘Eu vi o Senhor’. Este é também o nosso desafio. Não para nos apegarmos ao meu Jesus inglês ou ao meu Jesus dominicano, mas ao Senhor em quem somos todos irmãos e irmãs, até mesmo os jesuítas! Este Sínodo será frutífero se aprendermos a dizer “nós”. “Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”.

Depois, há o discípulo a quem o Senhor amou. Ele também tem o seu jeito de amar e o seu vazio, a extinção da luz da sua vida. Ele deixa o velho Pedro, suspirando e ofegante, entrar primeiro no túmulo escuro, mas ele vê o espaço vazio entre os anjos, e acredita. Este é o amor que faz ver. *Ubi amor, ibi oculus* (Ricardo de São Vítor). Onde há amor, há visão. Ele vê com os olhos do amor e assim vê a vitória do amor. Seu evangelho é o da águia, cujos olhos se acreditava olharem diretamente para a luz do sol e não ficarem cegos. Sua busca é supremamente teológica.

Passei duas semanas este ano na École Biblique em Jerusalém. Os irmãos vivem à sombra da morte, a quarenta minutos de Gaza. Eles permanecem ali, estudando a Palavra de Deus, ensinando e orando. Eles permanecem como um sinal de que ‘a luz brilhou nas trevas e as trevas não a venceram’ (João 1.5). O vazio de Maria Madalena é curado pela invocação de um nome – presença – o seu, e pela luz que brilha num túmulo vazio. Assim, ele encarna todos aqueles que procuram compreender o significado das nossas vidas, o vazio moldado por Deus nos nossos corações, como disse Blaise Pascal. Pensadores cristãos, claro, mas também todos os que lutam para encontrar luz nas trevas do nosso sofrimento: os poetas, os artistas e cineastas que se recusam a acreditar que as trevas têm a vitória. Para a nossa pregação da ressurreição, precisamos deles, precisamos estar abertos à sua sabedoria, como São Tomás de Aquino estava aberto ao pagão Aristóteles. Tomás escreveu que toda “verdade, não importa por quem seja dita, vem do Espírito Santo (*omne verum, a quocumque dicatur, est a Spiritu Sancto*)”⁶.

Depois, temos Simão Pedro. Seu vazio é o mais pesado de todos, o fardo do fracasso. Ele negou seu amigo. Certamente ele anseia por aquelas palavras de cura que serão finalmente ditas na

⁵ *Ibid.*, p.47.

⁶ S T, I II, q.109, a.1, ad 1.

praia. Portanto, a nossa missão pastoral também é estar com todos aqueles que estão sobrecarregados pelo fracasso e pelo pecado, e partilhar o perdão que recebemos, a nossa própria descoberta da maravilhosa graça daquele que “salvou um desgraçado como eu”. Uma vez eu estava perdido, mas agora fui encontrado, estava cego, mas agora vejo.’ A nossa missão é nomear aquele misericordioso de quem também nós precisamos, como Pedro.

Assim, nesta primeira cena da ressurreição, vemos como o Senhor responde a três formas de busca que correspondem a três vazios da nossa vida: o amor terno que procura a presença; a busca de significado e luz e de perdão. Cada buscador precisa do outro. Sem Maria, eles não teriam ido ao túmulo. Ela declara que o Senhor está presente. Sem o Discípulo Amado, não compreenderiam o vazio do túmulo como Ressurreição; sem Pedro não teriam compreendido que a Ressurreição é o triunfo da misericórdia.

Cada um representa um grupo que se sentiu de alguma forma excluído na última Assembleia. Maria Madalena também nos lembra como as mulheres são frequentemente excluídas de posições formais de autoridade na Igreja. Como encontrar o melhor caminho que a justiça e a nossa fé exigem? A busca deles é também nossa. Na última Assembleia, muitos teólogos também se sentiram ‘marginalizados’. Alguns se perguntaram por que se deram ao trabalho de vir. Não podemos chegar a lugar nenhum sem eles. E o grupo que mais resistiu ao caminho sinodal foram os párocos, eles que partilham especialmente o papel de Pedro, como pastores da misericórdia. A Igreja também não pode tornar-se verdadeiramente sinodal sem eles.

Quando quase todos sentem que são os excluídos, não deveria haver competição pela vitimização! A busca do Senhor na escuridão precisa de todas estas testemunhas, assim como o Sínodo precisa de todas as formas de amar e buscar o Senhor, assim como precisamos dos buscadores do nosso tempo, mesmo que eles não compartilhem a nossa fé.

Como isso pode transbordar para a missão? Estas palavras são atribuídas a Antoine de St Exupéry. São ainda melhores do que o que ele realmente escreveu: 'Se você deseja construir um barco, não reúna seus homens e mulheres para dar-lhes ordens, ou para explicar cada detalhe do que devem fazer ou onde encontrar tudo... Se você quer construir um barco, faça nascer no coração dos homens e mulheres o desejo do mar⁷! Dê às pessoas um gostinho do infinito e elas encontrarão suas próprias maneiras de fazer barcos e partir para o vasto oceano. Cada uma destas testemunhas é tocada por um amor infinito. Maria Madalena é tocada por uma ternura infinita; O Discípulo Amado é movido pela busca de um significado sem limites; Pedro, pela necessidade da misericórdia sem limites, perdendo não sete vezes, mas setenta vezes sete. Se nos abrirmos ao anseio infinito uns dos outros, lançaremos o barco da missão. Somente juntos teremos, nas palavras de Efésios, “o poder de compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo o conhecimento, para que possamos ser cheio da plenitude de Deus.' (3,18-19).

Esta tarde encontraremos novamente os discípulos no escuro, na sala trancada.

⁷ “Créer le navire ce n'est point tisser les toiles, forger les clous, lire les astres, mais bien donner le goût de la mer qui est un, et à la lumière duquel il n'est plus rien qui soit contradictoire mais communauté dans l'amour zion” (A. SAINT-EXUPÉRY, Citadelle, Gallimard, Paris, 1959, p. 687).